

ANÁLISE DAS VARIAÇÕES FONÉTICAS E LEXICAIS EM UMA NARRATIVA SINALIZADAFábio Augusto Teixeira Rodrigues¹

Resumo: Este trabalho concebe a língua como heterogênea, o que significa dizer que ela varia conforme seus usuários, por razões diversas, tais como variedades regionais. Essa variação foi analisada em uma perspectiva sociolinguística, considerando as diferentes formas de uso da Língua Brasileira de Sinais. O objetivo é analisar como os acadêmicos surdos sinalizam os sinais “janela” e “policia”, ao expressarem uma narrativa, com as variações de cunho fonético e lexical. Trata-se de uma pesquisa sociolinguística realizada na cidade de Belém, com cinco surdos do curso de Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará. A metodologia obedeceu aos seguintes procedimentos: 1) apresentação aos discentes da narrativa “o garoto”, de Charles Chaplin; 2) filmagem dos surdos ao contarem a mesma narrativa; 3) transcrição das narrativas da língua de sinais para a Língua Portuguesa escrita; 4) análise comparativa entre os sinais “janela” e “policia” com os mesmos sinais registrados no dicionário de Capovilla & Raphael (2008). Os resultados indicam que as variações ocorrem em virtude da iconicidade e, sobretudo, da regionalidade.

Palavras-chave: Libras. Variação. Narrativa sinalizada.

Abstract: The language in this study has an heterogeneous view, this is, it varies according to the users, for different reasons, such as regional varieties. This variation has analyzed from a sociolinguistic view, with the different form of Brazilian Sign Language use. The objective is to analyze how deaf academics signal the "window" and "police" signals, when expressing a narrative, with phonetic and lexical variations. It is a sociolinguistic research carried out in Belém, with five deaf students from the Literature and Arts/ Brazilian Sign Language course at Pará's University. The methodology followed the following procedures: 1) presentation to the students of the narrative "the boy" by Charles Chaplin; 2) filming the deaf while telling the same narrative; 3) transcription of the sign language narratives into the written Portuguese language; 4) comparative analysis between the "window" and "police" signs with the same signals recorded in the Capovilla & Raphael (2008) dictionary. The results indicate that the variations occur due to the iconicity and, above all, the regionality.

Keywords: Brazilian Sign Language. Variation. Brazilian Sign Language Narrative

1 Considerações iniciais

Com o presente trabalho, buscamos apresentar um estudo específico dos fonemas e do léxico da Língua Brasileira de Sinais-Libras. Trata-se de uma perspectiva variacionista a

¹ Universidade Estadual do Pará.

respeito da sinalização da pessoa surda ao contar uma narrativa. Para a pesquisa, consideramos dois sinais “janela” e “policial” que serão comparados com o dicionário Capovilla & Raphael (2008).

Escolheu-se como lócus da pesquisa a Universidade do Estado do Pará, e como sujeitos, cinco graduandos do curso de Licenciatura Plena em Letras-Libras, sendo todos surdos.

Esta pesquisa visa contribuir para os estudos da língua. No que diz respeito a sociolinguística da Libras, deseja aprofundar estudos nos seus aspectos fonético e lexical para buscar as reais motivações que levam os surdos a criar ou a usar um sinal.

Considerando a língua como um fenômeno social, e não apenas uma estrutura a ser descrita. Decorrente disso, faz-se necessário serem consideradas as suas relações com a sociedade. Pois, ainda que o indivíduo surdo se organize enquanto comunidade e por meio da Libras se reconheça em um grupo, cada indivíduo tem sua própria experiência com o meio social e com isso acarretam inúmeras vivências, fato este que implicará na sua língua.

Cada indivíduo traz consigo um traço específico do seu meio, pressupondo a possibilidade de existirem variações de sinais. Além disso, é válido ressaltar o caráter dinâmico da língua, que está a todo o momento passando por mudanças, sejam de recombinações de elementos já existentes ou por empréstimos linguísticos da Língua Portuguesa, língua bem próxima de convivência.

a) Por uma razão pessoal: nós temos o interesse em nos aprofundar nos aspectos sociolinguísticos e fonéticos da Libras. Compreender como os surdos sinalizam os sinais “janela” e “policial”, ao expressarem uma narrativa. Ainda, analisar o léxico em uma perspectiva específica, ou seja, os constituintes de cada sinal e as razões das variantes.

2 Referencial teórico

Com o estabelecimento das nações, no início do Capitalismo, passou-se a estabelecer a língua oficial ou norma padrão. Esse início ocorreu primeiro na Europa, quando a língua transformou-se em temática de Estado porque foi inserida como um dos mecanismos de poder do Estado, criando-se as políticas linguísticas devido a necessidade de padronizar a língua em

um sistema homogêneo que tinha a fala como materialidade. Essa concepção de poder do Estado em um sistema uniforme e único, abarcando todos os atos subjetivos do falar, desconsideravam a diversidade, peculiar de qualquer língua, pois a mesma estava intimamente ligada ao conceito de norma-padrão.

No início do século XX o interesse era outro, pela descrição de sua estrutura, a qual foi teorizada por Ferdinand de Saussure, segundo a qual a língua é um sistema formal – Língua é sistema. No entanto, esse modelo de descrição estruturalista não contemplava a variabilidade enquanto um fenômeno interno do sistema, não era intrassistêmico. Não tinham bases teóricas, sólidas para assimilarem a heterogeneidade supraindividual e gera a hipótese de que a fala não é língua, pois se caracteriza por uma forma heterogênea (FARACO, 2008) nos termos do autor,

Mantido o olhar estruturalista de inspiração saussuriana, pode-se entender norma, no plano teórico, como cada um dos diferentes modos sociais de realizar os grandes esquemas de relações do sistema. Nesse sentido, cada norma se organiza como certo arranjo de possibilidades admitidas pelo sistema. Cada um desses arranjos se desenha a partir do uso corrente, habitual de determinado grupo de falantes socialmente definido (FARACO, 2008, pag.34).

Nesse momento surge a necessidade de um aperfeiçoamento das bases epistemológicas, pois a concepção citada anteriormente já não conseguia contemplar os aspectos supraindividuais, não teve a eficiência necessária para abranger a questão da variabilidade linguística individual, característico das línguas de sinais, principalmente.

Foi em 1950 que Eugênio Coseriu criou a perspectiva tricotômica sistema/norma/fala superando a dicotomia langue/parole postulado por Saussure do ponto de vista do estruturalismo.

Ainda sob a ótica estruturalista, norma é um dos modos sociais diversos de executar alguns mecanismos linguísticos do sistema. Coseriu (1950), com o objetivo de refinar mais o conceito, afirma que uma norma está relacionada com aquilo que já se disse e tradicionalmente se diz no interior de uma comunidade de fala. Portanto, conceitua-se norma como determinado conjunto de fatos linguísticos específicos de uma comunidade, decorrente dos aspectos da língua – fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais – habituais de uso. Quando se fala em norma, faz-se necessário relacionar com normalidade, pois ela se identifica com aquilo que é

considerado normal em um grupo de falantes, estabelecendo que é um modo de falar peculiar de pessoas pertencentes a uma comunidade (FARACO, 2008).

Ainda no que se refere à norma, ela não é estática, pelo contrário, é dinâmica, pois têm as suas variedades, não é um conjunto fixo. O linguista norte-americano Edward Sapir, em 1924, utiliza o termo plenitude formal para dizer que toda e qualquer forma linguística possui organização. Segundo o autor, qualquer manifestação linguística verbal tem sua gramática, suas regras. Os diversos grupos sociais,

Por terem histórias e experiências culturais diversas, usam sim normas diferenciadas (e até discordantes). Mas não há grupo social que não tenha sua norma, que falem sem o suporte de uma dada organização estrutural (não há, portanto, “vernáculos sem lógica e sem regras”; o que pode haver – e há – são vernáculos com outra lógica e com regras) (FARACO, 2008, p. 37).

Essa afirmação de Faraco supera a ideia presente no senso comum segundo a qual pessoas analfabetas ou falantes de variedades estigmatizadas desconhecem a gramática. Essa explicação colocar em xeque o conceito de erro, disseminado por muitos anos. Levando em consideração essa premissa, não pode haver juízo de valor de uma norma sobre outra, porque cada uma delas é constituída por componentes linguísticos diferentes. Isso também dá ao vernáculo, que tem como característica um mínimo nível de monitoramento, uma lógica (BAGNO, 2007). A partir disso, o mesmo possui um sentido, assim, as expressões da língua consideradas menos monitoradas apresentam seu grau de formalismo peculiar baseado nas regras daquela norma.

Isso também pode ser constatado na Libras, uma vez que quando a olhamos com um olhar microscópico, constatamos que não é uma língua homogênea porque também têm as suas variedades, estão organizadas por normas gramaticais específicas de determinado grupo. Então, os sinais que não estão naquele conjunto de léxicos considerados padrão da Libras, possuem constituição morfológica, fonética, fonológica ou lexical distintos; são elaborados de acordo com os usos do grupo social, obedecem a uma lógica condizente com a norma estabelecida naquele meio.

Além disso, é importante salientar a existência do caráter heterogêneo da norma, pois no interior de uma norma linguística têm várias outras normas. São na verdade um conjunto

distinto de expressões encontradas nos mais variados segmentos de uma comunidade. Isto se deve a heterogeneidade das relações sociais, porque o viés cultural também interfere na maneira como as pessoas se comunicam. Logo, do ponto de vista sociolinguístico, é imprescindível ter conhecimento acerca do conceito de norma, mas sabendo paralelamente a ela, comporta uma pluralidade de modos de falar distintos.

Diante disso, uma mesma pessoa pode variar sua maneira de falar dependendo do ambiente em que ela esteja, por exemplo, a fala de uma pessoa na igreja é distinta de quando ela está em um almoço com a família ou quando estiver em uma consulta médica. Denomina-se comunidade de prática aquele grupo de pessoas que partilham experiências coletivas no trabalho, na escola, cotidiano e nos mais diversos lugares. Isto significa que uma pessoa de um desses grupos na verdade integra simultaneamente diversas comunidades de prática (FARACO, 2008).

Isto é um fenômeno que permeia a Libras, pois os surdos, levam em conta as circunstâncias para usar a norma mais apropriada. Percebeu-se durante a pesquisa o quanto essa afirmação do autor acerca da comunidade de prática está presente entre. Pois eles, em sua maioria vinda da Unidade de Educação Especializada Professor Astério de Campos, chegam à universidade sinalizando com um grupo de variedades características, com alguns sinais próprios. Eles demonstram maneiras de sinalizar específicas para cada situação, na universidade por terem contato com o conhecimento da língua padrão, com as suas particularidades, eles aprendem variedades próprias do ensino superior. O fato é a ocorrência de muitos gestos, que ainda não tem estatuto de língua de sinais.

A esse respeito, de acordo com Pierce (1999), um ícone possui uma qualidade, é exatamente esta a responsável por sugerir uma relação de similaridade com o objeto. “O ícone é um signo que tem como fundamento um quali-signo.” (SANTAELLA, 2004, p.16). Essa qualidade do signo terá sempre um aspecto que irá remeter ao que está sendo representado. A autora denomina de quali-signo a qualidade que o signo traz consigo e que é o fundamento para o ícone. Segundo esse ponto de vista, o ícone irá evocar algo quando houver similaridades com outra qualidade.

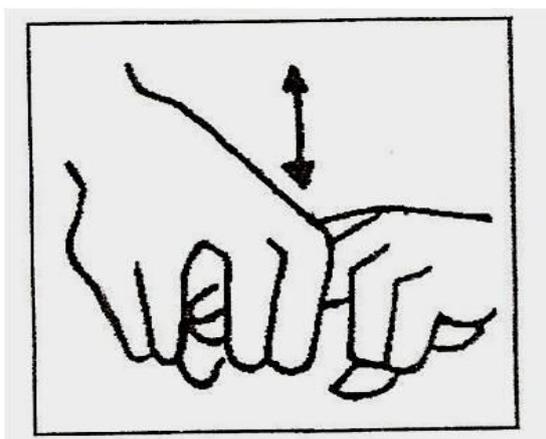
Isto pode ser encontrado em relação a Libras, pois existem sinais icônicos e bem como diz a autora supracitada, esse sinal possui um quali-signo semelhante a outro signo, portanto,

são icônicos. Isso pode ser exemplificado quando uma pessoa sinaliza o sinal de sentar, este sinal tem uma qualidade, inerente do signo. Esse quali-signo tem uma semelhança com o ato de sentar que é realizado por uma pessoa. Quando eu sinalizo sentar eu estou fazendo um sinal que tem uma qualidade a qual lembra uma pessoa sentando de fato. Então, havendo similaridades entre os signos pode se afirmar que são icônicos, pois há similaridades das qualidades. “O ícone só pode sugerir evocar algo porque a qualidade que ele exhibe se assemelha a outra qualidade” (SANTAELA, 2004, pag.16).

Levando em consideração essa teoria, a autora mencionada dividiu os signos icônicos em três: diagrama, metáfora e imagem. O primeiro representa algo pela relação de similaridade que há no interior do signo, essas relações internas do objeto que o signo tem a finalidade de externar. O segundo, é quando há a aproximação de significados de dois objetos diferentes, produzindo assim a metáfora. Não obstante, esse trabalho vai se ater a somente um deles, a imagem.

Para Pierce (1999), a imagem está relacionada estritamente a aparência, tem semelhança com o objeto que está sendo representado. Isto é, acontece uma associação puramente imagética com aquele objeto. Na Libras isso pode ser observado. No nosso exemplo, o sinal de “sentar” tem uma relação similar com o ato de uma pessoa sentar. Isso está relacionado ao conceito da imagem em questão, pois existe uma relação de semelhança no campo imagético, são signos com qualidades visuais similares e puramente icônicos.

Imagem 1 – Sinal de “sentar”.



Fonte: Google Imagens.

As línguas de sinais têm como um de seus principais marcos as pesquisas do americano William Stokoe, em 1960. Ele foi o primeiro a descrever cientificamente a constituição fonêmica das línguas de modalidade gestual-visual, as unidades mínimas as quais compõem o sinal: configuração de mão – CM, Ponto de articulação – PA e Movimento – M. O próprio pesquisador norte-americano denominou de quirema, palavra oriunda do grego, que significa mão e a combinação desses quiremas chamou-se de quirologia.

Mais tarde, em 1978, os pesquisadores da área começam a adotar o termo fonema para contemplar a informação linguística visual-espacial, com a finalidade de demonstrar a presença de elementos próprios das línguas de um modo geral, os universais linguísticos. Essas descobertas de Stokoe (1960) vão influenciar a constituição fonêmica das línguas de sinais. Vale ressaltar que esse foi um estudo realizado com a Língua de Sinais Americana (ASL).

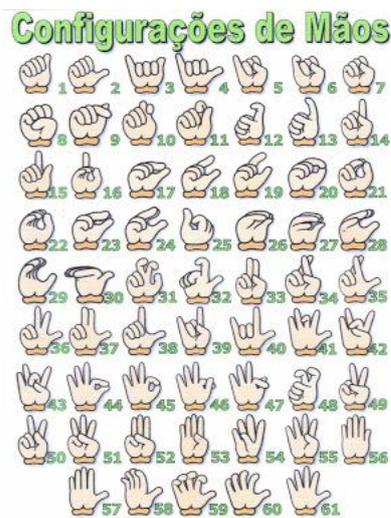
Também é importante salientar que Stokoe(1960) não desprezou a linearidade das línguas de sinais, pelo contrário, ele tocou nessa questão, embora não tenha sido com a mesma ênfase do caráter simultâneo. Posterior aos achados revolucionários do autor citado, com o advento de mais pesquisas surgiram dois outros parâmetros: Orientação da palma da mão (Or) e os aspectos não-manuais (NM) - expressões faciais e corporais.

Esses parâmetros, constituintes do sinal, são divididos em dois grupos: primários e secundários. Os primeiros, porque foram as primeiras unidades descobertas pelas pesquisas de Stokoe com a ASL. Enquanto que o segundo grupo, por serem descobertos posteriormente (FERREIRA-BRITO, 2010).

Neste trabalho, optamos por dois sistemas de descrição fonética da Libras, o primeiro é de Ferreira-Brito e o segundo de Barros. O primeiro leva em consideração a concepção de Configuração de Mão (CM). Para contemplar os demais parâmetros, escolhemos Estelita Barros (2015). Os aspectos os quais compõe os sinais analisados são descritos de acordo com os pressupostos teóricos de ambas.

Os sinais possuem uma CM ou mais de uma, para definir o que seja esse parâmetro vamos recorrer ao seguinte conceito: “são as diversas formas que a(s) mão(s) toma(m) na realização do sinal” (FERREIRA-BRITO, 2010, p. 36).

Imagem 2 – Sinais para os numerais.



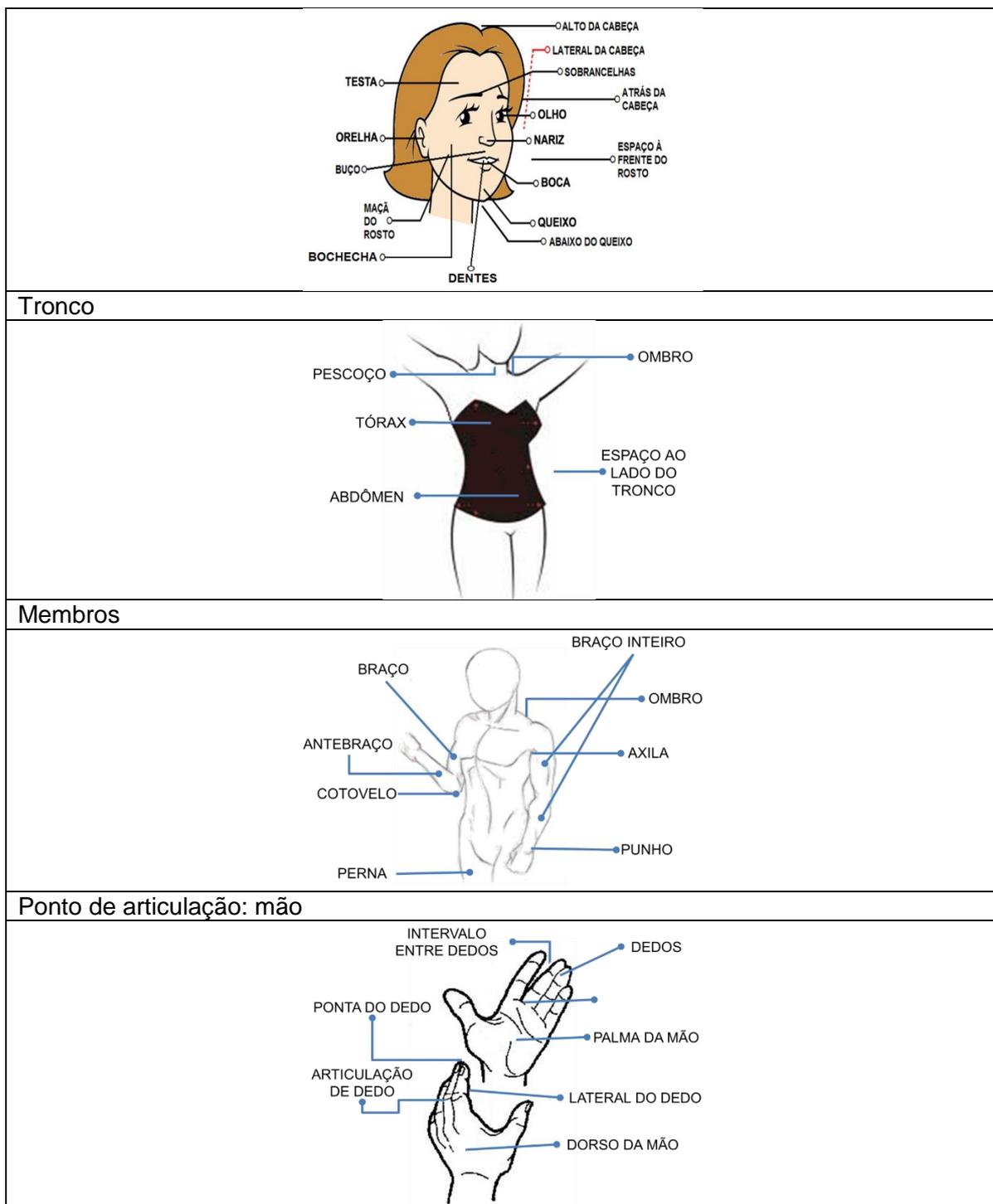
Fonte: Google Imagens

Também é válido destacar que Ferreira-Brito (2010) vai fazer uso de algumas pesquisas já existentes na ASL para embasar as suas concepções. No que concerne a CM, ela percebeu a um alto grau de semelhanças entre as CM da ASL e as CM da Libras, que cada uma das línguas têm o seu grupo de CM, que estas transcendem o seu alfabeto.

O ponto de articulação “é o espaço em frente ao corpo ou uma região do próprio corpo, onde os sinais são articulados. Os sinais articulados no espaço são de dois tipos: os que se articulam no espaço neutro e os que se aproximam de uma determinada região do corpo” (FERREIRA-BRITO, 2010, p. 37). É importante frisar que nesse parâmetro nós estamos usando Estelita Barros, segunda ela o ponto de articulação é subdividido em: cabeça, tronco, membros, mão e diacríticos.

Imagem 3 –Pontode Articulação

Cabeça

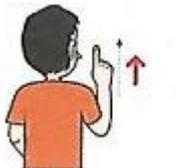
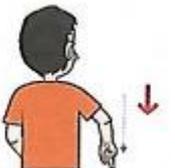
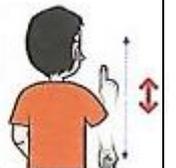
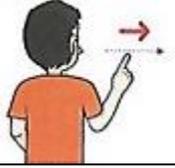
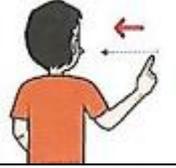
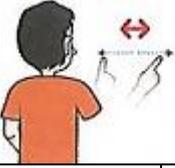
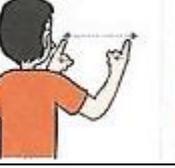
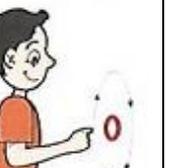
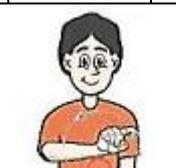
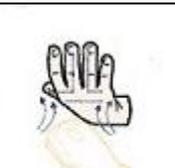
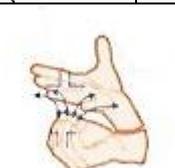
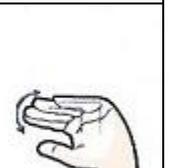


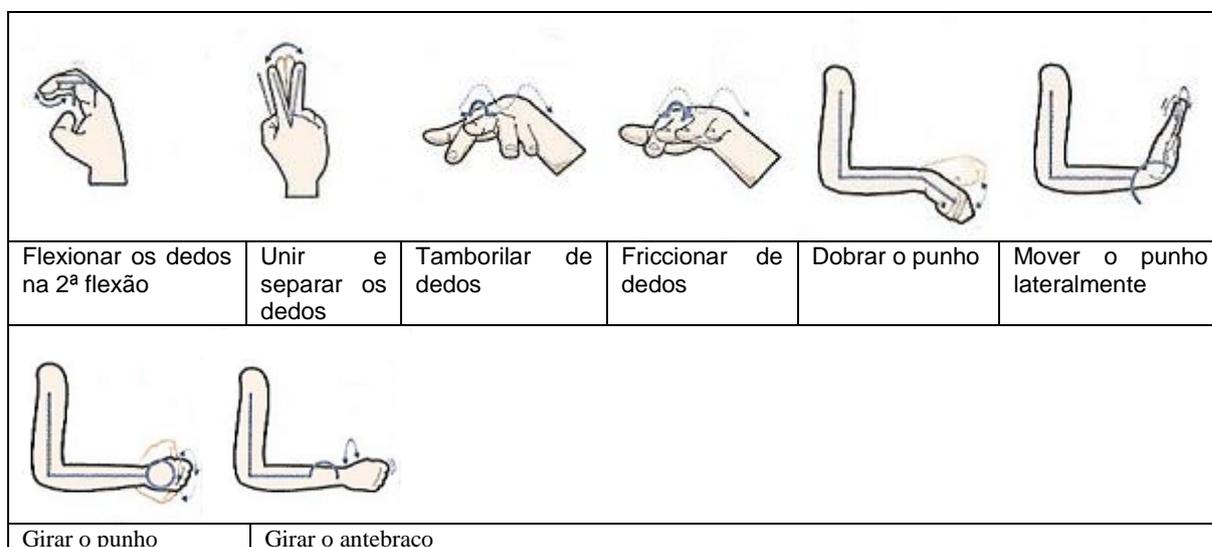
Fonte: BENTES, 2017

O movimento “é um parâmetro complexo que pode envolver uma vasta rede de formas e direções” (FERREIRA-BRITO, 2010, p. 38). Também recorreremos a Barros (2015), usando a

escrita de língua de sinais-ELiS que define que existem visografemas. Eles são os elementos visuais constituintes da língua de sinais. Também é importante destacar que o sistema de grafia da ASL, desenvolvido por Stokoe, foi um fator que influenciou bastante a estruturação da ELiS, criada pela Barros (2015). Para mostrar a subdivisão do grupo de movimentos, ela define: movimento de braços, movimento de dedos e punho e movimento sem as mãos. Além disso, outro ponto a ser citado são as expressões não manuais, estas são consideradas pela mesma como sendo tipos de movimentos sem as mãos. Então, elas estão inseridas no visografema movimento, são movimentos sem as mãos.

Imagem 4 – Movimento

					
Para frente	Para trás	para frente e para trás	para cima	para baixo	para cima e para baixo
					
Para direita	para esquerda	para direita e esquerda	para o meio	para fora	para cima e direita
					
para cima e esquerda	para baixo e direita	para baixo e esquerda	Arco	Flexão extensão do braço	Circular vertical
					
Circular horizontal	Circular frontal	Abrir a mão	Fechar a mão	Abrir e fechar a mão	Flexionar os dedos na 1ª flexão



Fonte: Barros, 2015.

A orientação da palma é o direcionamento da que a palma da mão toma durante a realização do sinal (FERREIRA-BRITO, 2010). Novamente buscando em Barros (2015) para mostrar a subdivisão do visografema, como a autora mesma classifica. São: palma para frente, palma para trás, palma para a medial, palma para a lateral, palma para cima e palma para baixo.

Imagem 5 –Orientaçãoda palma da mão

Para frente	Para trás	Para cima	Para baixo	Para lateral	Para a medial
-------------	-----------	-----------	------------	--------------	---------------

Fonte: Bentes, 2017.

3 Metodologia

A metodologia da pesquisa terá abordagem qualitativa e quantitativa. Vale ressaltar que o objetivo deste trabalho é analisar como os acadêmicos surdos sinalizam os sinais “janela” e “policia”, ao expressarem uma narrativa, as variações de cunho fonético e lexical. Levando em consideração o contexto da narrativa para a realização de um determinado sinal, a interpretação de cada indivíduo na seleção dos léxicos.

A referente pesquisa seguiu os respectivos procedimentos: a) foi apresentado aos surdos um trecho do filme “O garoto”, de Charles Chaplin, 1921; b) após a exibição do vídeo,

os surdos contaram a narrativa na sua língua, os mesmos vão contar a história de acordo com a sua aceção; c) essa sinalização do surdo ao contar a narrativa será filmada e submetida à análise. Foram filmados cinco acadêmicos; d) na análise foram extraídos os dois sinais: “janela” e “policia”, em decorrência disso, foram feitas as comparações com o dicionário de Capovilla & Raphael (2008) com o intuito de identificar as possíveis variações fonéticas e lexicais; e) os diferentes elementos encontrados vão ser organizados em uma tabela; f) as fontes utilizadas serão: cinco alunos surdos do segundo ano do Curso de Letras-Libras da Universidade do Estado do Pará.

4 Análise dos dados

Análise	CAPOVILLA& RAPHAEL	Participante A	Tipo de Variação
Janela	CM: 1 OP: para baixo PA: antebraço MOV: para cima e para baixo	CM: 14 OP: para baixo PA: para direita e esquerda MOV: para direita e esquerda	Variação lexical
Análise	CAPOVILLA& RAPHAEL	Participante B / C e D	Tipo de Variação
Janela	CM: 1 OP: para baixo PA: antebraço MOV: para cima e para baixo	CM: 53+57 OP: para baixo PA: antebraço MOV: arco	Variação lexical
Análise	CAPOVILLA& RAPHAEL	Participante E	Tipo de Variação
Janela	CM: 1 OP: para baixo PA: antebraço MOV: para cima e para baixo	CM: 14+55 OP: para baixo PA: lateral do dedo MOV: para direita e esquerda	Variação lexical
Análise	CAPOVILLA& RAPHAEL	Participante A	Tipo de Variação
Policia	CM: 45 OP: para lateral PA: tórax MOV: para frente e para trás	CM: 44 OP: para lateral PA: tórax MOV: para frente e para trás	Variação fonética
Análise	CAPOVILLA& RAPHAEL	Participante B	Tipo de Variação
Policia	CM: 45 OP: para lateral PA: tórax MOV: para frente e para trás	CM: 44+13 OP: para lateral PA: tórax MOV: para frente e para trás	Variação fonética
Análise	CAPOVILLA& RAPHAEL	Participantes C / E e D	Tipo de Variação
Policia	CM: 45 OP: para lateral PA: tórax MOV: para frente e para trás	CM: 44 OP: para a lateral PA: tórax MOV: para frente e para trás	Variação fonética

Fonte: Elaboração própria

5 Resultados

Considerando o dicionário Capovilla e Raphael (2008) como referência da norma padrão na Libras, por ser amplamente divulgado nos meios de comunicação e eventos, o material é tomado como parâmetro para pesquisas relacionadas aos registros do léxico. Sendo assim, esta pesquisa o utiliza como referência para os sinais realizados nesta pesquisa. Constatou-se na sinalização da participante A, a preocupação em exprimir a figura geométrica da janela. Ela não se atém aos detalhes da imagem.

Essa janela, na narrativa, é caracterizada por uma figura de formato quadrado, com vidros, sendo dividido em quatro partes por um material de madeira, também tem um papel cobrindo a janela, que por ser de vidro translúcido, é transparente. Esses detalhes a participante A não descreveu. Verificou-se que os participantes (B, C, e D) não demonstram a preocupação em externar a “janela” do modelo que está sendo exibida na narrativa, os graduandos simplesmente realizaram o sinal referente ao próprio cotidiano. As particularidades da janela, também não aparecem quando eles expressaram o sinal. Comparado ao dicionário Capovilla e Raphael (2008), ocorre a variação lexical, pois o sinal “janela”, apresentado pelos participantes tem dois visogramas diferentes: a configuração de mão e o movimento.

O participante E expressa a figura geométrica da janela, contudo, de forma detalhada, ele reproduz numa perspectiva imagética a configuração do vidro. Variação lexical.

Para o sinal de “policia”, nota-se que todos os participantes variam do dicionário Capovilla e Raphael (2008) em apenas um visograma, a configuração de mão, variação fonética. É perceptível que nesse sinal, os participantes estão mais próximos do sinal “padrão”.

6 Considerações finais

A partir dessa análise, conclui-se que a variação aconteceu por conta do lugar, pois os sinais do dicionário são do Estado de São Paulo - SP e os participantes residem no Estado do Pará. Isso interfere, porque a Libras apresenta muitos dialetos, que são variações regionais. Um exemplo disso é o que se constatou na própria análise, visto que os surdos têm escolhas lexicais com o mesmo valor semântico, no entanto, com a constituição fonêmica diversa.

Quando se trata dos participantes A e E, conclui-se que os referidos sinalizaram “janela” com os dedos indicadores, fazendo referência à imagem da janela. Diante disso, infere-se a questão da iconicidade, mais especificamente na categoria imagem, porque ambos sinalizaram com prioridade no nível da aparência. Como há qualidades similares da sinalização dos participantes com a imagem, concluiu-se que existe iconicidade.

O participante E variou do padrão, apesar de apresentar uma semelhança, o aspecto que determinou a variável foi o estilo da janela. No léxico do dicionário usado como parâmetro, o elaborador optou por um modelo de janela, que nos remete ao movimento de para cima e para baixo.

Para o sinal de “policial”, todos os participantes se aproximam do padrão, talvez em virtude de o policial ser uma figura nacional e com semelhanças nas fardas. Apenas um visografema alterou, classificamos como variação fonética.

Em síntese, um dos fatores extralinguísticos que ocasionaram a variação é a regionalidade, o glossário foi construído levando em consideração a realidade de uma determinada região. Por isso, houve a variação com o sinal de “janela”, com alguns dos participantes. É importante salientar que, os cinco sujeitos da pesquisa são da cidade de Belém, no Estado do Pará e discentes da mesma turma na universidade.

Constata-se que o sinal de “policial”, por ser de uma figura muito conhecida no país, está presente em todos os lugares e por terem muitas semelhanças. Outro ponto destacado é o fato de o policial ser uma figura pública, talvez por conta do padrão de vestimenta e conduta na sociedade, isso tenha contribuído para a adoção de um sinal muito parecido de um estado para outro, como foi o caso desse trabalho, com a alteração de um visografema.

Referências

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso – Por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS: Sistema brasileiro de Escrita de Língua de Sinais**. Porto Alegre: Penso, 2015

BRITO, Lucinda Ferreira. **Por uma gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume I: Sinais de A à L. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____ **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. Volume II: Sinais de M à Z. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de linguística**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2016.

PIERCE, Charles S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Percursos para a aplicação** in: *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

STOKOE, William. **Signlanguagestructure**. Maryland: Linstok Press, 1960.